

Resumo: Este trabalho pretende examinar três contos de Guimarães Rosa, “O mau humor de Wotan”, “A senhora dos segredos” e “A velha”, utilizando a categoria do testemunho. O contexto do nazismo é relacionado com o comportamento de personagens femininas.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; nazismo; testemunho; conto.

Seguindo uma idéia de Theodor W. Adorno, podemos interpretar obras de arte como “historiografia inconsciente” de seu tempo ¹. Com isso admitimos que a experiência histórica está presente nas obras, mas não de modo que os conteúdos sejam expostos de modo direto na superfície. Em época de catástrofes, o impacto traumático do processo histórico impregna a arte de modo latente, sendo necessário, através da interpretação, atribuir a elas sua força de contrariedade às inclinações violentas do período.

Podemos ler, nessa perspectiva, elementos da ficção de João Guimarães Rosa, como configurações reflexivas, voltadas para pontos delicados, aporias, impasses do processo histórico do século XX. Em Rosa, esse processo não se restringe aos acontecimentos internos do país, mas envolve fortemente conflitos internacionais, em especial as forças em tensão em torno da Segunda Guerra Mundial.

Em *Grande sertão: veredas*, o narrador Riobaldo se refere à vida na jagunçagem apontando constantemente para a presença da violência. O romance de 1956 encontra no interior do Brasil, em confronto com os interesses de modernização do Estado, forças que constituem, de acordo com Heloísa Starling, a imagem infernal de um mundo caracterizado pela barbárie.

O interesse de Guimarães Rosa pela reflexão sobre violência envolve uma enorme dedicação a pensar a sociedade brasileira. Além disso, o autor esteve atento também aos processos destrutivos que causaram impacto no âmbito ocidental, em especial à Segunda Guerra. Algumas indicações decisivas dessa atenção podem ser encontradas em contos incluídos no livro *Ave, palavra*.

1 ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. Lisboa: Martins Fontes, 1988. p.217.

A publicação desse livro trouxe importantes desafios para a compreensão de Guimarães Rosa. Nesse volume diversificado, encontramos textos de formas e temas variados, que ainda esperam merecida e necessária avaliação. O pesquisador Paulo Astor Soethe foi responsável, em seu estudo “A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato auto-irônico”, por uma importante reflexão sobre três contos deste livro. Os chamados *contos alemães* -“O mau humor de Wotan”, “A velha” e “A senhora dos segredos”- são associados a componentes pouco discutidos da ficção roseana.

Soethe parte de uma investigação abrangente sobre as relações entre Guimarães Rosa e a Alemanha. Indica que, como grande conhecedor do idioma, o escritor elaborou em seus textos procedimentos que apontam para a morfossintaxe do alemão. O crítico expõe também que Rosa lia com interesse vários autores alemães, como Goethe, Thomas Mann, Musil e Kafka.

A pesquisa de Soethe abarca informações sobre o período em que Rosa atuou como vice-cônsul na Alemanha, na embaixada brasileira em Hamburgo. Com base em Maria Luiza Tucci Carneiro, o crítico indica que a situação nesse período foi muito delicada, pois o Brasil assumiu uma política discriminatória, com elementos anti-semitas. Retomando Heloísa Vilhena de Araújo, que estudou a atuação do escritor no cargo diplomático, Soethe enfatiza que Rosa era contrário ao posicionamento anti-semita. Esse contexto de leitura permite a Soethe valorizar “O mau humor de Wotan”, propondo sua interpretação como um texto pacifista e contrário ao nazismo.

Podemos verificar em diversos pontos destes contos referências que apontam para o contexto do totalitarismo alemão, como por exemplo:

- Em “O mau humor de Wotan”, Marion comenta sobre o *Fuehrer*, caracterizando-o como alguém que não tem tempo para amar. O narrador menciona conhecer um plano de Adolf Hitler; depois descreve que Marion queria que o marido se comportasse em uma linha “de *Heil Hitler* mais enfático”² (ROSA: 1985, 10). Mais adiante, apresenta sua própria opinião

2 ROSA, Guimarães. O mau humor de Wotan. In: ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.10.

crítica sobre o líder nazista, e se refere também ao nome de Goebbels. O narrador fala ainda da suástica, de bombardeios, de itinerários de invasão nazista.

- Em “A velha”, somos informados de que o narrador escutou uma manifestação de Hitler pelo rádio. Em um momento importante, Verônica fala de elementos da Shoah: “dos campos de prisão, as hitlerocidades, as trágicas técnicas, o ódio abismático, os judeus tratados”³.
- Em “A senhora dos segredos”, Frau Heelst tem a reputação de ser “horoscopista de Hitler”⁴ (Idem, 225). O narrador menciona também neste texto Goebbels. Sugere, em certo ponto, que fosse estudado o futuro do III Reich.

Esses elementos apontam para um vínculo entre a história alemã contemporânea e as posições dos narradores dos contos com relação às personagens. Os narradores estão conscientes do impacto social do nazismo, e as descrições que fazem das personagens femininas levam em conta as relações que elas desenvolvem com esse impacto.

Gostaríamos de partir de uma observação decisiva de Soethe em seu ensaio para dela extrair alguns desdobramentos. O pesquisador sugere haver um componente autobiográfico nesses contos. A vivência na Alemanha estaria indicada textualmente, porque em “A senhora dos segredos” e “A velha”, um narrador em primeira pessoa se apresenta como diplomata na Alemanha.

Essa observação permite pensar os três contos como situados em um ponto híbrido, difícil de submeter a classificações, em que a biografia se cruzaria com a ficção, e a história com a literatura. Poderíamos considerar que nesses contos encontramos um *teor testimonhal*. Adotar essa terminologia implica em que a leitura dos textos deve ser articulada com categorias políticas e éticas.

Nesse sentido, a avaliação dos três contos deve excluir o nacionalismo idealista, tão decisivo para o cânone tradicional. Os textos estão em dissonância com relação às ideologias autoritárias de

3 ROSA, Guimarães. A velha. In: ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.117.

4 ROSA, Guimarães. A senhora dos segredos. In: ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.225.

seu período de produção. A consideração do valor desses contos se afasta também da concepção auto-suficiente, comum na historiografia canônica, de uma arte pela arte, em que o valor estético seja inerente à obra. Seguindo João Camillo Penna, Gustavo V. Garcia, James Hatley e Márcio Seligmann-Silva, procuramos traçar, de modo esquemático e breve, algumas das principais condições de elaboração da escrita do testemunho:

- De acordo com Garcia, a principal função da escrita de testemunho está no debate de direitos civis. Textos testemunhais são escritos para dar voz a segmentos sociais que não são apoiados ou defendidos por discursos institucionais oficiais. Desde sua definição etimológica, o testemunho consiste em um discurso que se inscreve em um campo de conflito.
- O texto testemunhal, muito frequentemente, renuncia ao senso de unidade totalizante, e opta pela descontinuidade, e pela fragmentação da forma. Na base dessa orientação estética, está a idéia de que os assuntos narrados são difíceis de elaborar, e os recursos tradicionais podem ser insuficientes para dar conta da complexidade dos assuntos tratados.
- De acordo com Seligmann-Silva, o testemunho busca dar voz àqueles que não puderam se manifestar, silenciados pelo discurso oficial e pela repressão. Em larga medida, por isso, a partir da Shoah, entendemos o testemunho como uma forma de recordar mortos, como que buscando um túmulo para os esquecidos.
- Na América Latina, de acordo com João Camillo Penna, o testemunho é caracterizado por uma concepção de política multilateralista, em que se desfazem maniqueísmos, estereótipos históricos, e em que o sujeito narrador não corresponde a um indivíduo específico no tempo e no espaço, mas tem uma ligação com um grupo, uma comunidade. A perspectiva das vítimas pode, muitas vezes, levar a repensar critérios convencionais de interpretação dos conflitos de forças históricas.
- O conceito de realidade é problematizado no testemunho. Seligmann-Silva sugere uma

leitura lacaniana da categoria, em que o real é em si traumático, e seu impacto, indizível. O testemunho, como demonstra Hatley, está constantemente associado a graus inaceitáveis de dor física, repressão e violência. Ele se volta a situações em que se cria uma ambigüidade: ao mesmo tempo em que é necessário lembrar o que ocorreu, para evitar a repetição do horror, evocar a dor contribui para reencontrar o sofrimento.

Podemos elaborar a hipótese de que os contos “O mau humor de Wotan”, “A velha” e “A senhora dos segredos” sejam caracterizados por um teor testemunhal. Essa perspectiva analítica permite situar os textos como associados diretamente ao impacto da Segunda Guerra Mundial, e aproximá-los da literatura da Shoah.

“O mau humor de Wotan” apresenta a trajetória do casal formado por Marion e Hans-Helmut. Por duas vezes, o marido é chamado a atuar junto ao exército alemão. Caracterizado como um homem sem o perfil adequado para um soldado, sua participação no conflito preocupa a esposa. O narrador em primeira pessoa é amigo do casal e acompanha a aflição de Marion. Quando retorna do conflito, depois da primeira convocação, Hans-Helmut não se dispõe a elaborar o que viveu:

“Da guerra, mesmo, avistei só uns cavalos mortos, e cachorros, felizmente...”

Era um nenhum relato, dito de acurtar conversa.”⁵

A expressão *nenum relato* sinaliza a dificuldade de Hans-Helmut em expor sua percepção da guerra, observada pelo narrador do conto. Walter Benjamin observou que soldados não voltavam da Primeira Guerra Mundial enriquecidos em experiência, mas pelo contrário, abalados pelo trauma, não conseguiam relatar o que viveram. “Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos.”⁶. Há uma forte afinidade entre a percepção de Benjamin e a caracterização do

5 ROSA, Guimarães. O mau humor de Wotan. In: _____. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.13.

6 BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense,

personagem de Guimarães Rosa. Hans-Helmut é um personagem constituído com vulnerabilidade e fragilidade. Sendo convocado novamente para se apresentar, ele acaba sendo morto.

Como observa Soethe, tanto em “A velha” como em “A senhora dos segredos”, o narrador trabalha em uma embaixada, e as personagens femininas centrais pedem ajuda para sair da Alemanha em período de guerra. No primeiro caso, Dame Verônika tenta encontrar fundamentos genealógicos que justifiquem seu pedido de ajuda. Faz referências ao Brasil – a cidade de Petrópolis, o imperador, o paço. O narrador não atende a solicitação, apesar do comportamento enfático de Verônika. No segundo, Frau Heelst aparece como uma mulher capaz de ler o futuro, recebendo em consulta mulheres que dela esperam revelações, em um momento de expectativas e dúvidas. O narrador pergunta, em certo momento, a Frau Heelst: “Haverá guerra?” Ela responde com segurança “De modo nenhum”⁷ (ROSA: 1985, 227). Depois de um tempo, a mulher telefona para o narrador pedindo ajuda para emigrar para o Brasil. Em seguida, a guerra começava.

É legítima a hipótese de que “A velha” e “A senhora dos segredos” tenham componentes biográficos, diretamente associados à vida de Guimarães Rosa. Embora em nenhum dos contos tenhamos uma nomeação direta de Rosa, a caracterização dos narradores em primeira pessoa sugere que estejamos diante de lembranças do autor, referentes ao período em que atuou como diplomata. No entanto, não é a comprovação ou não dessa evidência que define a relevância dos textos. Isto é, não nos interessa aqui provar se Rosa de fato conheceu pessoas com os nomes exatos das personagens.

Podemos admitir a hipótese de que Rosa tenha de fato conhecido figuras com os nomes de Hans-Helmut, Angélica e Lene Speierova; e nesse sentido, os textos seriam confessionais e remeteriam diretamente ao campo factual. Poderiam ser ainda figuras que agrupassem traços de pessoas que existiram, não com esses nomes, e que viveram estórias similares, embora não precisamente essas. No caso de admitirmos o teor testemunhal, a avaliação dos contos não exige necessariamente que sejam verificadas essas informações.

1985.p.115.

7 ROSA, Guimarães. A senhora dos segredos. In: ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.227.

Os contos permitem formular a hipótese de que Guimarães Rosa tenha, em sua trajetória como diplomata, enfrentado difíceis situações. A embaixada, como lugar de mediação entre Alemanha e Brasil, pode ser um espaço em que afloram tensões, conflitos ideológicos e problemas militares. Esse espaço deveria ser particularmente difícil se Rosa era contrário ao anti-semitismo e, como sugere Soethe, preferia o pacifismo à violência nazista. Se encararmos os contos como dotados de teor testemunhal, então o foco de interesse da leitura não consiste na confirmação dos fatos biográficos como tais. Na combinação de elementos biográficos com elaboração ficcional, Rosa pode obter um alcance político e ético importante para sua produção.

Nos três contos, encontramos reflexões que remetem ao problema dos direitos civis. No caso de Hans-Helmut, a obrigação de servir ao militarismo se impõe sobre o direito à liberdade, de modo que a vida do marido de Marion fica restrita ao campo repressivo dos interesses de Estado. Tanto para Verônica (preocupada com sua filha Angélica) como para Frau Heelst, a possibilidade de deixar a Alemanha, em um ambiente conflitivo, se associa à expectativa de sobrevivência. Marion, Verônica e Frau Heelst demonstram sinais de medo do que se passa à sua volta.

Os três contos renunciam a técnicas realistas oitocentistas. Seguindo o raciocínio de João Camillo Penna, são narrativas que se distanciam dos modelos burgueses de representação e da tradição mimética aristotélica, optando por procedimentos estéticos que despertam choque. Marion, Verônica e Frau Heelst são personagens femininas, construídas, em seus traços e suas falas, de modo fortemente distanciado das imagens hegemônicas das figuras masculinas que controlam o poder na Alemanha nazista e estabelecem os critérios de veracidade do discurso social. Não são lideranças políticas, nem são defensoras de ideologias. No entanto, são abaladas fortemente pelos acontecimentos. Trata-se de observar o nazismo a partir de perspectivas que, tradicionalmente, seriam consideradas pouco decisivas, ou irrelevantes – a mulher idosa, a esposa angustiada do militar frágil, a mãe em desassossego. As três se dirigem aos narradores com aflições, e em todos os casos não são apresentadas soluções a elas.

Nos três relatos, o centro de interesse não está no núcleo do poder nazista, nem na descrição

dos horrores a que foram submetidos os grupos perseguidos pelo regime. As três personagens femininas estão dentro do contexto alemão, e isso lhes confere uma posição singular no processo histórico: elas são vítimas, impotentes em sua impossibilidade de controlar o andamento da história social. Estão sujeitas às decisões do regime. Trata-se, de fato, como indica Penna, de uma imagem da política como multidentalidade: a história não se divide apenas entre os alemães e suas vítimas, como querem muitos discursos estereotipados, mas dentre os próprios alemães o regime desperta medo e cria tensão.

O fato de que os indivíduos não conseguem controlar o processo histórico faz parte da configuração negativa da imagem de realidade construída nos três textos. Podemos pensar, sobretudo em “O mau humor de Wotan”, em um real como trauma, condição de existência intolerável que envolve repressão e violência.

Aflora a imagem, como em um quadro de Munch, de uma impossibilidade de aceitar a realidade associada com um senso de limitação das capacidades individuais de intervenção e transformação. Os três contos nos falam a partir de focos narrativos configurados por sujeitos precários. Não se pôde salvar ninguém, Hans-Helmut, Angélica, ou Frau Heelst. São contos melancólicos, em que não são encontradas soluções para as motivações do medo. “A velha” e “A senhora dos segredos” falam de pedidos de apoio que não encontram êxito. O Brasil aparece como expectativa libertária para as mulheres desses contos, como possibilidade de sobrevivência.

Os narradores dos três contos também não podem controlar o processo histórico. Não há neles qualquer componente heróico ou épico; não há em suas falas sinais de que possam mudar o fluir da vida das patéticas personagens que pedem socorro. Se há nesses narradores traços de uma consciência autobiográfica, eles sinalizam uma relação autocrítica de Guimarães Rosa com sua trajetória alemã.

É possível que Rosa tenha encontrado, nessas narrativas, um espaço discursivo para elaborar o problema da limitação de sua capacidade de intervenção na violência da guerra. Os contos podem ser lidos como manifestações fantasmagóricas dos horrores do século XX. Se fizermos uma

articulação, neste ponto, entre a literatura e a filosofia política, encontraremos bases para uma hipótese de interpretação. Essa hipótese consiste em que estes três contos conseguem configurar, em suas narrações, um dos pontos cruciais de sustentação do nazismo. Recuperemos uma idéia de Hannah Arendt. O regime totalitário, para a autora, procura atribuir movimento à natureza e à história, em nome de uma unidade da humanidade. Para isso, destrói os espaços entre os seres humanos, as crenças em leis que organizem esses espaços, e o princípio mesmo da liberdade humana. Estabelece o terror como condição de impedir mudanças fora do interesse do Estado: “Nas condições do terror total, nem mesmo o medo pode aconselhar a conduta do cidadão, porque o terror escolhe as suas vítimas independentemente de ações ou pensamentos individuais”⁸.

É exatamente neste núcleo infame do nazismo que Guimarães Rosa se detém. As personagens femininas dos três contos manifestam medo do que pode ocorrer na Alemanha. Por isso, Marion pede ajuda por Hans-Helmut. Por isso, Verônica e Frau Heelst solicitam emigração. E em todos os casos, o senso de risco e ameaça que se coloca não tem solução apresentada. Há uma desproporção entre os interesses do Estado, que não podem ser controlados pelos indivíduos isolados, e as expectativas de sobrevivência e de liberdade individual.

Marion, Verônica e Frau Heelst são personagens construídas sob a sombra do “terror total” descrito por Arendt. Elas não têm condições de ter segurança, autonomia individual, expectativa de libertação de seu sofrimento. Nos três casos, o medo as motiva a pedir ajuda, e elas se dirigem aos respectivos narradores. E nos três casos percebemos o que afirma Arendt – as condutas motivadas por medo não as protegem, porque o terror não é regido por princípios que possam ser vencidos por suas sofridas vontades.

A melancolia que impregna esses contos está associada à perspectiva das perdas não superadas, dos esforços de sobrevivência que não tiveram êxito, problema de escala prioritária na historiografia contemporânea dedicada ao nazismo. Em “O mau humor de Wotan” a melancolia ganha dimensões estilísticas e recursos lexicais próximos de Paul Celan, com imagens negativas:

8 ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.519-20.

“flores já vindo envenenadas”, “se abriam só ruínas e o caos da destruição”, “só se pensam imagens de temor e sofrimento”⁹. O discurso do narrador carrega em si um antagonismo constitutivo: a necessidade de narrar, para não esquecer do horror traumático, enfrenta o teor doloroso do que ocorreu, passado que atormenta e não conclui.

Abstract: This study tries to examine three short stories written by Guimarães Rosa, according to the concept of testimony. The nazi regime is connected to female characters` behaviour.

Key-Words: Guimarães Rosa; nazi regime; short story; testimony.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. Lisboa: Martins Fontes, 1988.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. Vol.1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.114-119.

CELAN, Paul. *Cristal*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

GARCÍA, Gustavo V. *La literatura testimonial latinoamericana*. Madrid: Pliegos, 2003.

HATLEY, James. *Suffering witness*. New York: State University of New York, 2000.

PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003. p.299-354.

ROSA, Guimarães. A senhora dos segredos. In: ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 225-229.

ROSA, Guimarães. A velha. In: ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

⁹ ROSA, Guimarães. O mau humor de Wotan. In: ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.15-17.

1985. p. 115-119.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

ROSA, Guimarães. O mau humor de Wotan. In: ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 9-19.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.p. 375-390.

SOETHE, Paulo Astor. A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato auto-irônico. *Scripta*. Belo Horizonte, 2005. v.9. n.17.p.287-301.

STARLING, Heloísa. Travessia. A narrativa da república em *Grande sertão: veredas*. In: